

<http://doi.org/10.47369/eidea-26-2-4972>

Recebido em: 14/01/2026

Aprovado em: 16/07/2026



Ethos, argumentação e subjetivação: aproximações entre estudos retóricos, análise arqueogenealógica do discurso e ética foucaultiana

Tici Jardim Pimenta

Universidade de Franca (Unifran), Brasil

orcid.org/0000-0003-4492-905X**Douglas Gomes Nalini de Oliveira**

Universidade de Franca (Unifran), Brasil

orcid.org/0000-0001-8239-1516**Gabriel Martins Silva Santos**

Universidade de Franca (Unifran), Brasil

orcid.org/0000-0003-1059-3519

O artigo discute o estatuto contemporâneo do *ethos*, articulando estudos retóricos, arqueogenealogia foucaultiana e um *corpus* literário-filosófico. Parte da hipótese de que o *ethos* pode ser compreendido tanto como operador argumentativo quanto como prática de subjetivação em jogos de verdade atravessados por dispositivos de poder. Teoricamente, mobiliza a tradição retórica e as noções foucaultianas de cuidado de si e *parrhesia*, operacionalizadas por meio da proposta de análise discursiva de Navarro (2020). Metodologicamente, realiza uma análise arqueogenealógica do discurso aplicada a uma “oração fúnebre” de *Dysphoria Mundi*, de Paul B. Preciado, tomada como um acontecimento discursivo. A análise descreve o funcionamento do texto e suas estratégias na construção de um *ethos* coletivo e “*parresiasta*”. Conclui que o *ethos*, pensado nessa chave, ilumina o cruzamento entre argumentação, poder e modos de vida, abrindo espaço para uma “política do *ethos*” como “retórica da revolta”.

Palavras-chave: *Ethos*. Retórica. Subjetivação. Arqueogenealogia.

Ethos, argumentación y subjetivación: aproximaciones entre estudios retóricos, análisis arqueogenealógico del discurso y ética foucaultiana

El artículo discute el estatuto contemporáneo del *ethos*, articulando estudios retóricos, la arqueogenealogía foucaultiana y un *corpus* literario-filosófico. Parte de la hipótesis de que el *ethos* puede comprenderse como operador argumentativo y como práctica de subjetivación en juegos de verdad atravesados por dispositivos de poder. Teóricamente, moviliza la tradición retórica y las nociones foucaultianas de cuidado de sí y *parresía*, operacionalizadas mediante la propuesta de análisis discursivo de Navarro (2020). Metodológicamente, realiza un análisis arqueogenealógico del discurso aplicado a una “oración fúnebre” de *Dysphoria Mundi*, de Paul B. Preciado, tomada como acontecimiento discursivo. El análisis describe el funcionamiento del texto y sus estrategias para construir un *ethos* colectivo y “*parresiástico*”. Concluye que el *ethos*, pensado en esta clave, ilumina el cruce entre la argumentación, el poder y los modos de vida, y abre espacio para una “política del *ethos*” como “retórica de la revuelta”.

Palabras clave: *Ethos*. Retórica. Subjetivación. Arqueogenealogía.

Ethos, argumentation, and subjectivation: convergences between rhetorical studies, archaeogenealogical discourse analysis, and Foucauldian ethics

The article explores the current understanding of ethos by examining rhetorical studies, Foucauldian archaeogenealogy, and a literary-philosophical corpus. It starts from the idea that ethos can only be fully understood when seen both as an argumentative tool and as a practice of subject formation within truth games influenced by power structures. Theoretically, it draws on the rhetorical tradition and Foucauldian concepts of care of the self and parrhesia, applied through Navarro's (2020) proposal for discourse analysis. Methodologically, it conducts an archaeogenealogical discourse analysis of a "funeral prayer" from Paul B. Preciado's *Dysphoria Mundi*, which is considered a discursive event. The analysis examines how the text functions and employs strategies to build a collective, "parrhesiastic" ethos. It concludes that understanding ethos in this way reveals the links between argumentation, power, and ways of life, creating space for a "politics of ethos" as a "rhetoric of revolt".

Keywords: *Ethos*. Rhetoric. Subjectivation. Archaeogenealogy.

Introdução

Nas últimas décadas, o vocábulo *ethos* ampliou significativamente sua circulação em diferentes campos do saber e da atuação, da retórica à análise do discurso, da linguística às ciências humanas e sociais em geral, passando também por usos mais difusos na cultura midiática. Essa proliferação, longe de ser apenas um dado quantitativo, indica tanto a força quanto o risco de uma certa "inflação" da categoria. Se, por um lado, *ethos* se tornou um operador recorrente para descrever modos de credibilidade, posições de fala e formas de endereçamento, por outro, também pode ser mobilizado de forma pouco problematizada, como sinônimo de "caráter" no sentido clássico greco-romano.

O presente artigo parte da hipótese de que *ethos* pode ser utilizado em toda a sua potência se reinscrito em um duplo horizonte: o da longa tradição retórico-argumentativa que o vincula ao *logos*, ao *pathos* e às formas de intervenção na *pólis*, e o das problematizações foucaultianas sobre subjetivação, práticas de verdade e cuidado de si, tal como retomadas e rearticuladas pela análise arqueogenealógica de discursos (Navarro, 2020). Nessa perspectiva, o *ethos* deixa de ser apenas um "recurso persuasivo do orador" para se tornar um dos lugares privilegiados de observação dos modos pelos quais os sujeitos se constituem, se expõem e se arriscam, por meio do discurso, em jogos de verdade atravessados por dispositivos de poder.

Assim, a pergunta que orienta a discussão pode ser formulada da seguinte maneira: é possível pensar o *ethos* simultaneamente como operador argumentativo e como prática de subjetivação, à luz de uma leitura que articula estudos retóricos, a

análise arqueogenealógica de discursos e a ética foucaultiana? Para respondê-la, o artigo mobiliza, de forma articulada, três conjuntos teóricos: (i) a tradição retórica clássica e alguns desdobramentos contemporâneos (Aristóteles, 2015; Bauman, 1994; Bauman e Meyer, 2018; Galinari, 2012; 2014; Maingueneau, 2020), que permitem reinscrever o *ethos* como construção discursiva situada e política; (ii) as análises foucaultianas sobre ética, cuidado de si e *parrhesia*, lidas a partir da chave arqueogenealógica (Foucault, 2006; 2022a; 2022b); e (iii) a formulação de Navarro (2020) sobre o “combo Foucault” (*saber-poder-si*), que integra a subjetivação à própria definição de discurso como prática.

A partir desse enquadramento, propõe-se um exercício analítico centrado em uma “oração fúnebre” do livro *Dysphoria Mundi* (Preciado, 2023), que se apropria da forma litânica das ladainhas marianas para enumerar, sob a forma de invocações quase devocionais, dispositivos contemporâneos de morte, exploração e devastação (capitalismo, patriarcado, normalização de gênero, colonização, sexta extinção, entre outros). Trata-se de tomar esse texto como um acontecimento discursivo que condensa disputas de verdade sobre ética, capitalismo e formas presentes de subjetivação, interrogando o *ethos* que nele se (re)constrói.

O percurso argumentativo organiza-se em três movimentos.

Na seção 1, “O meu, o seu, o nosso *ethos*: releituras retórico-argumentativas”, o termo é inscrito na tradição retórica e nos estudos sobre argumentação, com ênfase em suas dimensões discursiva, interativa e híbrida.

Na seção 2, “*Ethos*, subjetivação e práticas de verdade em Michel Foucault”, explora-se como a noção adquire relevo no interior da arqueogenealogia, ao articular saber, poder e práticas de si por meio das figuras do cuidado de si e da *parrhesia*.

Na seção 3, “*Ethos* em ruínas: análise *ethica* de uma ‘oração fúnebre’”, analisa-se o fragmento de *Dysphoria Mundi* como arranjo retórico-argumentativo no qual se constrói um *ethos* coletivo e “parresiasta” que coloca em discurso, simultaneamente, uma denúncia das “ruínas do mundo moderno” e um certo modo de “viver a liberdade” em meio a elas.

Ao longo do percurso, a aposta é que articular *ethos*, argumentação e subjetivação à luz da análise arqueogenealógica de discursos permite não apenas complexificar o uso da categoria, mas também vislumbrar uma política do *ethos* (uma “retórica como revolta”) em que dizer, escrever e expor-se constituem, sempre, modos de fabricar outras formas de vida.

1 O meu, o seu, o nosso *ethos*: releituras retórico-argumentativas

A amplitude de usos contemporâneos dialoga com o quanto o *ethos* se tornou um operador recorrente nas teorias da retórica e da argumentação, bem como nos estudos do discurso brasileiros em geral: fala-se em *ethos* para descrever modos de credibilidade, posições de fala, formas de endereçamento e cenários de interação em que se disputa a adesão de um auditório, entre outros aspectos (Motta; Salgado, 2008). No cenário internacional, observa-se um quadro semelhante ao descrito no Brasil, com pesquisas desenvolvidas em distintos centros e por pessoas pesquisadoras de variadas nacionalidades e campos disciplinares (Amossy, 2019; Baumlin, 1994; Baumlin e Meyer, 2018).

Em um de seus primeiros registros históricos, que pode ser tomado como marco inicial de uma tradição de exploração de suas potencialidades simbólicas, o vocábulo aparece na *Ilíada*, de Homero (Ribeiro, 2018). Lá, consta sua grafia com a letra eta (**êthos**), significando algo como “o habitat, o lugar, a morada típica natural de uma espécie animal, enquanto **éthos** [...] com épsilon) significava os hábitos, os costumes, o modo de proceder característico de um animal, mas também de um homem, ou de um grupamento humano” (Ribeiro, 2018, p. 35, negritos da autora). Como a pesquisadora salienta, à palavra *éthos* (doravante, *ethos*) vincularam-se noções que relacionam o hábito de seres biológicos às suas vidas, aos seus modos de vida e aos hábitos característicos daquele (grupamento) animal/humano (Ribeiro, 2018). Estava em curso a formação de uma noção que se tornaria cara a muitas disciplinas (Maingueneau, 2020) da Grécia daquele tempo.

A utilização dessa dimensão semântica para teorizar acerca do discurso, inaugurando, por assim dizer, sua entrada no rol de conceitos (Maingueneau, 2020), é creditada a Aristóteles (2015), o qual, ao lado do *logos* e do *pathos*, constitui um dos vértices dos meios de prova disponíveis ao orador em sua busca por encontrar os argumentos mais adequados em cada caso. Trata-se, assim como os outros dois vértices, de um meio de prova artístico: é necessária (e possível) a manipulação consciente do discurso para inventá-lo, isto é, para buscá-lo, selecioná-lo e construí-lo em cada situação argumentativa (Aristóteles, 2015). Em termos aristotélicos, o *ethos* não é apenas “caráter” em sentido moral, mas também condição da própria eficácia persuasiva do discurso. O orador convence porque se apresenta como alguém digno de crédito perante um auditório, em determinado contexto. Dois milênios depois dessa utilização conceitual para teorizar o discurso, o *ethos* continua

sendo uma noção explorada de maneira interdisciplinar e um conceito apropriado e sofisticado por diferentes pessoas pesquisadoras.

Uma delas é Dominique Maingueneau (2020), para quem “*ethos*” inscreve-se em um campo interdisciplinar específico e, na Análise do Discurso nas Ciências da linguagem, condensa um consenso de base em torno de ideias fundamentais. Trata-se, em sua perspectiva, de uma categoria propriamente discursiva, construída no e pelo dizer, e não de um “retrato” externo e prévio do locutor. Está necessariamente ligado a um processo interacional de influência sobre o outro e configura uma noção híbrida, ao mesmo tempo social e discursiva, isto é, um modo de comportamento socialmente avaliado, que só pode ser apreendido em situações de comunicação concretas, históricas e socialmente determinadas (Maingueneau, 2020).

O presente texto não sustenta que tais “ideias fundamentais” sejam *debitárias* exclusivamente das análises do discurso ou das ciências da linguagem que se constituíram ao longo dos séculos XIX e XX, especialmente as provenientes do mundo francófono (Maingueneau, 2020). Parte-se, antes, dessa compreensão discursiva, interacional e social do *ethos* para ampliar seu campo de problematização, aproximando-o dos processos de subjetivação e das práticas de verdade. Essas dimensões podem ser encontradas, em diferentes graus de sistematização, no rastro virulento e milenar dos estudos retóricos. Ao recolocarmos o *ethos* nesse percurso mais longo, interessa-nos reabrir sua história como categoria fundamental, não apenas para pensar “imagens de si”, mas também para compreender como os sujeitos se organizam argumentativamente na relação com os outros.

Em primeiro lugar, se, como vimos, desde Aristóteles, o *ethos* é uma dimensão que se constitui por meio do discurso (*logos*), como poderíamos estar diante de uma teorização fora desse âmbito? Dito de outra maneira, como a noção e, depois, o conceito de *ethos*, provenientes e derivados da sistematização aristotélica, podem ser pensados fora do âmbito discursivo, se a retórica teoriza, especialmente, acerca dos discursos públicos nas formas mais relevantes de sociabilidade grega daquela época? (Galinari, 2016). Ainda que o *ethos* daquela época, como vimos em Ribeiro (2018), abrangesse âmbitos não discursivos dos comportamentos humanos, parece um erro afirmar que, dentro de uma teorização acerca do *logos*, o *ethos* poderia ser outra coisa além de discursivo, isto é, construído ou revelado e aferido mediante o discurso que visa suscitar adesões, deslocar julgamentos e orientar ações.

Afora a tradição aristotélica, Galinari (2014) mostra que, para os sofistas, a noção de *logos* vai muito além de uma compreensão estritamente lógico-demonstrativa (limitada a deduções, induções, antíteses etc.). Ela passa a abarcar qualquer dimensão da linguagem que possa exercer influência, desde a escolha de palavras, a formação de termos e as modalizações até a organização sintática, o ritmo e a entoação. É justamente nessa perspectiva que se pode sustentar que tanto o *ethos* quanto o *pathos* decorrem, no plano semântico-discursivo, do *logos*, ou, mais precisamente, de seu uso em situações concretas, situadas sob a égide de um determinado *kairós* (Galinari, 2014). Nessa medida, não importa se estamos diante de uma imagem construída por meio de discursos anteriores a um *corpus* específico ou apenas a partir de elementos linguísticos/languageiros de enunciações cronologicamente anteriores. Em ambos os casos, trata-se de uma construção discursiva do caráter ou da subjetividade do orador, o que implica que não há uma realidade extralinguística a que se refira (Galinari, 2012). O *ethos* é, portanto, um efeito de sentido produzido pelo modo como o *logos* se organiza para influenciar outrem em uma situação argumentativa concreta. Ademais, se é verdade que a noção de *ethos* já comportava sua dimensão discursiva nos meandros da milenar disciplina retórica, de maneira mais ou menos sistematizada, parece possível afirmar também que ela já estava vinculada a um processo interativo.

Se nos ativermos tão somente à tradição aristotélica, o *pathos* é a dimensão passional do discurso e faz referência, em Aristóteles (2015), aos estados de alma que os auditórios podem manifestar a partir da recepção de um discurso; em outros termos, o orador pode favorecer o afloramento de determinadas paixões em seu auditório, fazendo com que os auditórios sintam sensações de dor ou prazer, mudem (ou não) julgamentos e tomem determinadas ações por meio do discurso. Parece nítido que, nesses termos e considerando apenas Aristóteles, o *ethos* já remetia a uma teorização respaldada pela interação entre orador e auditório, ainda que sua sistematização tenha sido formulada a partir de um modelo monologal de interação (discursos produzidos nos âmbitos deliberativo, judiciário e epidítico da sociabilidade grega). Em outras palavras, a “imagem de caráter” é inseparável das formas pelas quais o orador se endereça a alguém e procura produzir adesão, ou seja, de uma situação de argumentação.

Por fim, cabe considerar o *ethos* como uma noção híbrida, ao mesmo tempo social e discursiva. De acordo com James S. Baumlin (1994), na cultura ocidental, a relação entre o caráter humano e o discurso (em outros termos, as reflexões e

teorizações acerca da subjetividade humana e de sua relação com o *logos*, propiciadas pela terminologia *ethos*) tem sido pensada, fundamentalmente, com base em dois modelos. O primeiro o descreve como categoria moral, metafísica e teológica (Platão, Isócrates, Tomás de Aquino, Agostinho, Descartes e Kant) e o segundo argumenta a favor de uma individualidade social “dramática” e retórica, um modelo sociolinguístico que encontra lastros em Aristóteles, entre os sofistas (Protágoras e Górgias), nos céticos renascentistas e em autores modernos como Nietzsche, Bakhtin e Burke (e, acrescentamos, Foucault).

Nessa perspectiva, para Baumlin e Meyer (2018, p. 22, tradução nossa), o *ethos* pode “se revelar” ou “ser construído” a partir de ou por meio de discurso(s) prévio(s) ou em um *corpus* específico; “juntar forças” ou “subverter” as outras dimensões do discurso (*logos* e *pathos*), pois, na mesma medida em que serve aos sujeitos como prática de cura e libertação, também “pode ser usado para prejudicar”. Trata-se de um conceito que remete à alteridade, uma vez que o discurso de alguém “necessariamente posiciona um outro; a identidade implica diferença”; se “fixa” narrativas na cultura, também possibilita revisitações, reinterpretações, remodelamentos, enfim, que tais narrativas sejam “recontadas” (Baumlin; Meyer, 2018, p. 22, tradução nossa). É por meio dessa conceituação de *ethos* que o presente texto busca orientar-se e aproximar-se do sujeito em Foucault, sem apagar o legado atualíssimo das reflexões e estudos “pré-disciplinares” e creditando aos estudos retóricos suas contribuições à modernidade.

Baumlin e Meyer (2018) lançam um manifesto acerca do estudo do *ethos* na contemporaneidade, imputando àqueles que dele se valem, como forma de *práxis*, a responsabilidade de recolocar o *ethos* no centro de uma retórica que reconheça o núcleo expressivo dos discursos, evidencie a posicionalidade ética de quem fala ou escreve e explore o *ethos* como narrativa pessoal, cultural e corporificada. Defendem uma “academia *ethica* do pessoal”, em que pesquisador e objeto se impliquem mutuamente, e um *ethos* de inspiração iatrológica, orientado por empatia, cuidado, cura e empoderamento. Ao mesmo tempo, insistem na necessidade de uma abordagem interdisciplinar e aberta a novas versões e hibridizações do *ethos* e da própria retórica.

Para além da sua utilização como conceito por esse ou outro autor, *ethos*, na perspectiva aqui desenhada, apresenta-se como uma noção pertinente a uma teoria e a uma prática éticas de cura, de libertação e de empoderamento, que se empenhe em oferecer respostas a perguntas atuais, considerando as vicissitudes

interseccionais dos nossos tempos. Ao inscrevê-lo nesse horizonte, não o pensamos apenas como “recurso” do orador, mas como modo de subjetivação que se dá na e pela argumentação, pois é na forma como o sujeito fala, se expõe, se arrisca e convoca outros que se desenham, simultaneamente, corporalidades e certos modos de ser e de dizer. É justamente essa dupla face (*ethos* como operador argumentativo e como prática de subjetivação) que permitirá, na seção seguinte, aproximar estudos retóricos, análise do discurso brasileira e Foucault, bem como analisar, no *corpus* escolhido, como uma “oração” contemporânea encena, no mesmo gesto, uma disputa argumentativa e uma ética de si voltada à resistência e à invenção de outros modos de vida.

Essa articulação dialoga com a perspectiva arqueogenealógica à qual este texto se vincula, que compreende os discursos como práticas que fabricam verdade e corpo e em que o *ethos* se torna um dos lugares privilegiados para observar o entrecruzamento entre poder, saber e subjetivação (Navarro, 2020), como se pode observar na próxima seção.

2 *Ethos*, subjetivação e práticas de verdade em Michel Foucault

Depois de reinscrever o *ethos* na longa tradição retórica, interessa aproximá-lo da problematização foucaultiana do sujeito. Não se trata de “aplicar” Foucault a um conceito prévio, mas de explorar como o *ethos*, especialmente no conjunto de trabalhos frequentemente associado à chamada “fase ética”, constitui uma forma de relação consigo, com os outros e com a verdade, isto é, uma figura privilegiada dos processos de subjetivação.

Michel Foucault (2023) desenvolve, ao longo de sua obra, um modo de análise que se estabilizou, não necessariamente por sua vontade, denominado “arqueogenealógico”, que articula a descrição das formações discursivas (arqueologia) à história dos dispositivos de poder e das práticas de si (genealogia). Nesse percurso, a questão do sujeito não remete a uma essência psicológica ou a um fundamento transcendental, mas a modos históricos de sujeição e de subjetivação: somos constituídos como sujeitos de saber, de poder e de ética em jogos de verdade que nos atravessam (Navarro, 2020). Assim, o sujeito não é uma entidade fixa, dotada de interioridade anterior aos discursos, mas um efeito e, ao mesmo tempo, um ponto de passagem de práticas, técnicas e normas que orientam o modo como agimos, pensamos e nos relacionamos. Ao deslocar o sujeito da esfera da essência para a da produção histórica, Foucault evidencia a ambivalência da subjetividade moderna, que

é, ao mesmo tempo, resultado de múltiplos dispositivos de poder que regulam os modos de ser e agir e lugar de possíveis contracondutas, deslocamentos e resistências.

É nesse contexto que o termo *ethos* ganha relevância nas análises foucaultianas sobre ética e moral. Em vez de designar um “caráter” imóvel ou modelável, como em grande parte das teorias retóricas greco-romanas, nomeia a maneira pela qual os sujeitos se deixam afetar por um certo regime de verdade e, simultaneamente, o estilo ou modo pelo qual se transformam a partir dessa relação (Foucault, 2006). Ele observa, ao estudar as éticas europeias antigas, que o ponto decisivo não reside na oposição entre “natureza humana” e “natureza do mundo”, mas em como o saber incide sobre o modo de ser do sujeito. Em outras palavras, o que importa é de que maneira o que se conhece sobre deuses, homens e mundo transforma a conduta, isto é, modifica o *ethos* dos sujeitos (Foucault, 2006). O conceito, nesta perspectiva, designa justamente essa zona em que o saber e a conduta se articulam. Não é apenas o conteúdo do que se sabe, mas também o modo como esse saber transforma a relação consigo, com os outros e com o mundo. A ética não é um código de normas, mas um trabalho sobre si, conduzido sob certas condições históricas de verdade (Foucault, 2006).

A partir desse deslocamento, subjetivação deixa de ser sinônimo de interiorização de regras e torna-se o nome de um processo aberto, no qual os indivíduos se constituem como sujeitos morais a partir de práticas de si.

Tais práticas só existem, contudo, no interior de relações de poder, de modo que não há subjetivação sem assujeitamento, mas também não há poder sem um mínimo de liberdade, isto é, sem um campo de possíveis condutas. A liberdade não é uma “posse” do sujeito, e sim a condição e o efeito dessas relações, um espaço sempre tenso de manobra, invenção e risco (Foucault, 2023). A noção antiga de cuidado de si, retomada por Foucault a partir dos estoicos e de outras escolas helenísticas, torna-se essencial para os objetivos deste artigo. Longe de indicar um narcisismo hedonista, o cuidado de si designa um conjunto de técnicas de autoconhecimento e autotransformação pelas quais o sujeito trabalha seus pensamentos, afetos e condutas.

Como sintetiza Revel (2005):

O ethos do cuidado de si é, portanto, igualmente uma arte de governar os outros e, por isso, é essencial saber tomar cuidado de si para poder bem governar a cidade. É sobre esse ponto, e não sobre a dimensão ascética da relação consigo, que se efetua a ruptura da pastoral cristã (Revel, 2005, p. 34).

Tal como reconstituído por Foucault, o cuidado de si é inseparável das relações com os outros, isto é, governar-se é condição para governar. O *ethos* aparece, assim, como forma de vida e como estilo de governo, uma articulação entre práticas de si e práticas sobre os outros que não se reduz à interioridade psicológica.

Outra figura privilegiada no tocante às investigações sobre os processos de subjetivação é a *parrhesia*. Também retomada da tradição grega, trata-se de uma prática de franqueza ou de “coragem da verdade”: falar sem reservas quando isso implica risco, expondo-se ao outro (ou a uma coletividade) em nome de um certo regime de verdade (Foucault, 2006). Ela supõe uma dimensão técnica (saber como dizer a verdade) e uma dimensão ética (assumir os riscos que esse dizer acarreta). O filósofo francês caracteriza a *parrhesia* como a articulação entre um *ethos* e uma *tekhne*. De um lado, uma atitude ou qualidade moral do sujeito que fala; de outro, um conjunto de procedimentos técnicos necessários para transmitir um discurso verdadeiro àquele que dele precisa, de modo a constituir-se como sujeito que exerce soberania sobre si e presta contas de si a si mesmo (Foucault, 2006).

Na prática da *parrhesia*, o *ethos* é, ao mesmo tempo, condição e efeito de um certo modo de argumentar, no qual o dizer se vincula à conduta de quem fala. Não se trata da eficácia persuasiva no sentido clássico, mas de uma forma de dizer a verdade que só se sustenta porque o sujeito se expõe, assume um lugar de fala vulnerável e arriscado, vincula o que diz à própria vida. O discurso verdadeiro, nesse contexto, é menos um conjunto de proposições corretas do que uma prática que reconfigura a relação do sujeito consigo e com os outros (Foucault, 2006). Podemos, assim, aproximar a problematização foucaultiana do *ethos* das questões da retórica e da argumentação contemporâneas: toda enunciação em que se diz a “verdade” a alguém supõe um certo modo de se apresentar, de construir a credibilidade, de posicionar o outro e de organizar os afetos, de governar a si mesmo e, portanto, aos outros.

Foucault nunca esteve preocupado em alinhar seu método às questões das ciências linguísticas, desde sua primeira grande ‘sistematização’ (Foucault, 2022b), e muito menos em oferecer uma nova teoria da persuasão e do convencimento. Ao descrever, contudo, os modos de governo de si e de produção da verdade sobre si,

ele possibilita refletir sobre as dimensões éticas da argumentação, isto é, sobre o que está em jogo quando alguém se “arrisca” a falar em meio a relações de poder assimétricas. Dessa perspectiva, e em diálogo com a noção que traçamos na primeira seção, *ethos* deixa de ser apenas uma categoria descritiva da “imagem de si” construída no discurso e passa a designar também uma prática de subjetivação, um modo de habitar os jogos de verdade e as relações de poder. Certas formas de vida definem-se menos por conteúdos doutrinários do que pela maneira como, em cada situação, se experimenta e se desloca o que é dado como ‘necessário’ (Foucault, 2006). “*Ethos*” é justamente o nome desse exercício de liberdade, dessa estilística da existência que, sem se furtar às tramas de poder e de saber, tenta reorientá-las, ou, pelo menos, fissurá-las.

Assim, ao reinscrever o *ethos* nessa problemática, o presente artigo o toma como um possível ponto de contato entre estudos retóricos, análises do discurso brasileiras e arqueogenealogia foucaultiana. Por um lado, preserva-se a teorização retórica de que o “caráter” do orador é construído no discurso, como efeito de escolhas argumentativas situadas. Por outro, incorpora-se a leitura foucaultiana segundo a qual tal “caráter” é uma forma de subjetivação inserida em dispositivos de poder e em práticas de verdade. É nesse encontro que o *ethos* deixa de ser apenas um recurso persuasivo para aparecer como lugar de cruzamento entre argumentação e subjetivação na análise dos modos de dizer que buscam influenciar e, ao mesmo tempo, como modo de se constituir sujeito em um certo regime de verdade.

Nas análises que seguirão, essa dupla dimensão permitirá examinar como, no *corpus* selecionado, a constituição *ethica* de um determinado texto não apenas organiza a relação com o auditório, mas também apresenta uma ética de si, isto é, um certo modo de viver a liberdade sob as condições históricas que nos constituem.

3 *Ethos* em ruínas: análise *ethica* de uma “oração fúnebre”

Retomar o *ethos* a partir das tradições retóricas e da problematização foucaultiana do sujeito permite deslocá-lo de uma concepção meramente “caracterológica” para compreendê-lo como lugar de cruzamento entre argumentação e subjetivação.

É nessa chave que se propõe, neste artigo, uma leitura de um fragmento de *Dysphoria Mundi* (Preciado, 2023), especificamente de uma das diversas “Orações fúnebres”, tomada, nos termos da análise arqueogenealógica de discursos (Navarro,

2020), como acontecimento discursivo no qual se condensam disputas de verdade sobre a ética, o capitalismo e as formas contemporâneas de subjetivação. O livro de Preciado apresenta-se como um “diário” da transição planetária contemporânea, escrito a partir da experiência corporal de adoecimento por COVID-19 e de confinamento. Em uma escrita híbrida (que recusa e denuncia fronteiras entre teoria e literatura, ciência e poesia, assim como entre filosofia e autoficção), o filósofo transmasculino propõe pensar a disforia não como transtorno mental individual, mas como índice de uma inadequação política e estética das formas de subjetivação em relação aos regimes normativos (Preciado, 2023). Assim, o texto descreve uma mutação epistemológica, tecnológica e política em escala planetária, associada à circulação cibernética dos discursos e à intensificação das desigualdades, das violências e das ruínas que marcam o presente pós-pandêmico. As “orações fúnebres” inserem-se nesse projeto como uma espécie de peça litúrgico-crítica.

Nessa perspectiva, o *corpus* escolhido condensa, em escala reduzida, a dupla face do *ethos* reconstruída nas seções 1 e 2. De um lado, o *ethos* funciona como efeito discursivo situado, produzido pelas escolhas de *logos* e *pathos* em determinado *kairós* e em um gênero reconhecível. De outro, constitui uma figura de subjetivação, isto é, um modo de habitar, na materialidade linguística da obra, um presente “disfórico” e de deixar-se afetar por um certo regime de verdade. A “oração fúnebre” não apenas representa um mundo em colapso, mas também organiza, argumentativamente, uma posição de fala diante desse colapso. As “orações fúnebres” recuperam a forma das ladainhas marianas dirigidas a “Nossa Senhora de...” (Bernardini, 2010), mas o fazem para listar, sob a forma de invocações quase devocionais, os dispositivos e instituições que estruturam o mundo que estaria “desmoronando”: capitalismo, patriarcado, binarismo sexual, nacionalismo, indústria da carne, agricultura industrial, turismo, extrativismo, colonização, centrais nucleares, viagens espaciais, fascismo, entre tantos outros. Funcionam, assim, deslocando o foco da súplica individual pela salvação para a exposição, quase cerimonial, da dimensão mortífera desses dispositivos (Preciado, 2023). Do ponto de vista retórico-argumentativo, trata-se de uma operação discursivamente marcada.

Por sua vez, o gênero “oração” convoca um *ethos* de pregador, ancorado em uma tradição religiosa cristã na qual alguém fala “por nós” diante de uma instância divina. O uso sistemático da primeira pessoa do plural (“rogai por nós”, “tende piedade de nós”) constrói um “nós” inclusivo que almeja engajar o leitor em estados de súplica e produzir efeitos “de comunidade”: quem lê é convocado a partilhar a

mesma posição de vulnerabilidade e exposição diante das forças nomeadas. Em Galinari (2012), esse *ethos* presente é menos dito (“eu sou”) do que mostrado pela configuração dos pronomes, do gênero e dos contextos discursivos. O apagamento do “eu-Preciado” em favor de um “nós” inclusivo inscreve o texto em uma gramática comunitária, na qual o orador fala por e com aqueles que são, simultaneamente, vítimas e cúmplices dos dispositivos invocados. Do ponto de vista argumentativo, isso desloca o *ethos* de um “caráter individual” para uma subjetividade compartilhada, que busca produzir adesão não só a uma tese sobre o mundo, mas também a uma certa maneira de se sentir nele implicado.

Em termos de *ethos* (Baumlin, 1994; Baumlin e Meyer, 2018; Galinari, 2012; 2014), isso implica o apagamento da figura individual do autor em benefício de uma figura coletiva. Não se trata do “eu-Preciado” pedindo algo para si, mas de um sujeito enunciador que fala em nome de um “nós” devastado e implicado nas ruínas que descreve. Se nos remetermos à “*academia ethica* do pessoal” proposta por Baumlin e Meyer (2018), trata-se de um *ethos* que redistribui a responsabilidade entre autor e auditório, convocando o leitor a integrar essa cena de autocrítica coletiva. Concomitantemente, a materialidade do texto aponta para um *ethos* “*parresiasta*”, conforme discutido na seção anterior. A escolha de apropriar-se de um repertório litúrgico cristão (nomes e fórmulas provenientes das devoções marianas, estrutura formular de rogativas e cadência repetitiva das invocações) para associá-lo a dispositivos contemporâneos de morte e exploração (patriarcado, colonização, fascismo, sexta extinção etc.) implica um gesto de “risco”. A “coragem da verdade”, aqui, não está apenas no conteúdo das nomeações, mas no modo de profanação formal: o *ethos* presente (Galinari, 2014) se constrói como o de alguém que “ousa dizer”, numa língua misturada de prece e acusação, aquilo que frequentemente é naturalizado como “progresso”, “desenvolvimento” ou “ordem social”.

“Nossa Senhora de + sintagma nominal +, rogai por nós” é a estrutura formal e repetitiva que funciona como materialidade retórica não apenas nesta, mas também em todas as demais orações fúnebres, operando como máquina argumentativa por meio de acumulações hiperbólicas (Fiorin, 2021). A cada novo sintagma nominal, outros aspectos dos regimes de verdade denunciados pelo texto são reinscritos sob a forma de entidades quase sagradas: “Nossa Senhora do Capitalismo”, “Nossa Senhora do Patriarcado”, “Nossa Senhora da Normalização de Gênero”, “Nossa Senhora da Sexta Extinção”, “Nossa Senhora das Centrais Nucleares”, e assim por diante. Trata-se, de um ponto de vista *ethico*, da exposição das dimensões

“sacralizadas” desses elementos: aquilo que mata, explora e devasta é, ao mesmo tempo, objeto de culto, de adesão massiva e de obediência cotidiana.

Essa operação se intensifica se considerarmos a impertinência semântica do próprio sintagma “oração fúnebre”, que tensiona a expectativa de súplica por vida, proteção ou salvação com a referência insistente à morte, ao luto e às ruínas. Entendido como um oxímoro (Fiorin, 2021) e lido a partir da arqueogenealogia (Navarro, 2020), o título já antecipa a inversão de valores que atravessa o texto: aquilo que a modernidade costuma celebrar como progresso, desenvolvimento ou civilização surge aqui como matéria de culto fúnebre. A “oração” torna-se, assim, um elemento linguístico-discursivo de leitura da modernidade enquanto atitude crítica, no sentido foucaultiano, que problematiza as formas pelas quais nos relacionamos com o presente e com suas promessas de futuro. A grafia em maiúsculas dos sintagmas nominais que compõem os títulos das “orações”, inclusive do texto que constitui o *corpus* deste artigo, reforça o efeito de nome próprio e acentua o deslocamento: não se trata de qualquer capitalismo ou de qualquer patriarcado, mas de entidades paradigmáticas que condensam, em si, o poder mortífero dos dispositivos que organizam o mundo contemporâneo.

Sob o prisma da análise arqueogenealógica de discursos (Navarro, 2020), essa forma litânica permite descrever o *corpus* como um acontecimento em que se articulam, de maneira condensada, saberes partilhados, regras de formação e jogos de visibilidade/enunciabilidade sobre o presente “disfórico”:

- uma estratégia topológica, que associa cada invocação a um campo semântico (econômico, tecnológico, biomédico, sexual, ecológico), construindo o quadro de um mundo em colapso;
- uma estratégia paradigmática, em que os exemplos não são casos isolados, mas elementos de uma lista que pretende figurar um dispositivo global (aquilo que, em outros momentos do livro, é descrito como regime farmacopornográfico, ordem capitalista, família heteronormativa, estética petrossexorracial etc.);
- uma estratégia *patêmica*, em que a repetição litânica gera apelo afetivo: as enumerações vão comprimindo, na linguagem, a experiência de uma vida sob o excesso de violência, de destruição, de controle e de outras dimensões das relações de saber-poder.

Essas três estratégias são úteis para retomar, em chave contemporânea, a ampliação das dimensões do *logos* e do *pathos* a partir de uma reformulação do *ethos* destacada nas releituras retóricas da primeira seção. Não se trata simplesmente de argumentos lógico-dedutivos, mas de operações de listagem, associação e saturação afetiva que enquadram o mundo sob determinados recortes (econômicos, tecnológicos, sexuais e ecológicos) e produzem um certo modo de ver e sentir. Tais operações constituem desdobramentos semântico-discursivos do *logos*, isto é, do discurso (Galinari, 2014).

Elas também permitem atualizar a problemática da subjetivação discutida na segunda seção. Ao organizar a experiência do presente como excesso de ruína, as enumerações convidam o auditório a reconhecer-se como sujeito de uma vida governada por esses dispositivos e, eventualmente, a deslocar essa relação (Foucault, 2023; Navarro, 2020). O *ethos* construído é, assim, inseparável de um trabalho argumentativo sobre o modo de habitar os jogos de verdade em curso. A “oração fúnebre” encena um sujeito coletivo que, ao mesmo tempo, se engaja em denunciar o mundo que “arde” (as ruínas do capitalismo, da família heteronormativa, da ordem econômica mundial, da própria catedral de Notre-Dame, transformada em símbolo desses poderes) e em reconhecer-se como parte do “incêndio”. A construção discursivo-imagética que daí emerge edifica-se, portanto, como culpada e acusadora, implicada e insurgente.

Nessa configuração, a “coragem da verdade” (Foucault, 2006) não se reduz a um gesto heroico individual, mas assume a forma de uma *parrhesia* coletiva: um “nós” que se expõe, confessa sua participação no desastre e, justamente por isso, reivindica o direito de criticá-lo. Do ponto de vista da ética foucaultiana, trata-se de uma forma de “cuidado de si” que é, ao mesmo tempo, um “cuidado de nós”. Em outras palavras, ao nomear os elementos que nos governam, o texto ensaia outra relação com eles, menos fundada na “obediência silenciosa” e mais na “visibilização crítica”. A subjetivação que se encena é, portanto, a de sujeitos que se sabem governados, mas que experimentam, na própria linguagem, pequenos gestos e ações de liberdade.

Se pensamos com Foucault e com a análise arqueogenealógica de discursos de Navarro (2020), é possível descrever essa “oração” como um acontecimento discursivo que condensa, em uma forma breve e ritmada, a denúncia de uma série de práticas de verdade, de cuidado e de governo de si e de outros. De um lado, ela reinscreve e desloca formas antigas do “dizer a verdade” (a prece, a confissão, a

ladainha), por meio da exposição indireta e, nessa medida, irônica (Fiorin, 2021), em um contexto em que as divindades católicas, especificamente as femininas, são substituídas por elementos globais de “destruição” (mercado, extrativismo, farmacopoder, normalização de gênero). De outro, fabrica um certo tipo de sujeito, alguém que se sabe atravessado por tais “elementos” de discurso, mas que, justamente por isso, “arrisca” uma fala que os torna visíveis, nomeáveis, criticáveis.

A análise arqueogenealógica procura extrair dos enunciados não apenas seus conteúdos temáticos, mas também as regras de formação que os tornam possíveis (Navarro, 2020): quais saberes partilhados permitem compreender do que se fala ao nomear “Nossa Senhora do Fascismo” ou “Nossa Senhora da Sexta Extinção”? Que jogos de visibilidade e de enunciabilidade (em torno da devastação ecológica, das violências de gênero, da colonialidade etc.) constituem o arquivo sobre o qual essa “oração” se escreve? E quais formas de subjetividade são colocadas em discurso nesse gesto? Ao tomar a “oração fúnebre” como *corpus*, a proposta deste artigo foi demonstrar como o *ethos* que nela se constrói funciona, simultaneamente, em duas dimensões:

- como operador argumentativo, na medida em que organiza as estratégias de endereçamento, de credibilidade e de afetação do auditório em torno de uma denúncia das ruínas do mundo moderno;
- como prática de subjetivação, ao elaborar uma atitude de si frente ao presente, ou seja, falar desde as ruínas, reconhecê-las como “nossa única casa” e, ainda assim, insistir na possibilidade de outra língua, de outro regime de verdade, de outra forma de vida.

Nessa encruzilhada entre estudos retóricos, análise arqueogenealógica do discurso e ética foucaultiana, a “retórica como revolta” deixa de ser uma metáfora vaga para designar uma política do *ethos*: um modo de escrever, de dizer e de se expor que fere a ordem do discurso, ao mesmo tempo em que fabrica sujeitos capazes de habitar criticamente suas “ruínas”. Do ponto de vista dos estudos argumentativo-retóricos, isso significa deslocar o foco exclusivo das “técnicas de persuasão” para as formas de vida que se desenham no próprio ato de argumentar. A “retórica como revolta” aqui esboçada não é apenas uma figura de estilo, mas um princípio de análise dos modos de dizer que produzem sujeitos, mundos e possibilidades de resistência.

É nesse ponto que a análise do *ethos* dessa “oração fúnebre” se encerra, evidenciando o arranjo retórico-argumentativo construído discursivamente no *corpus* e explicitando também os modos de subjetivação que tal acontecimento convoca e performa, articulando, num só movimento, a denúncia das ruínas e um modo de exercício de liberdade dentro delas.

Considerações finais

Este artigo partiu de uma reinscrição do *ethos* na tradição retórico-argumentativa, passou pela problematização foucaultiana do sujeito e chegou à análise de uma “oração fúnebre” de *Dysphoria Mundi* (Preciado, 2023) como um acontecimento discursivo. O objetivo foi deslocar o *ethos* de uma concepção “caracterológica” para compreendê-lo como ponto de cruzamento entre estratégias de argumentação e processos de subjetivação, em diálogo com a análise arqueogenealógica de discursos (Navarro, 2020).

No plano teórico, recolocou-se o *ethos* no horizonte dos estudos retóricos, enfatizando sua natureza discursiva e interacional, como efeito de sentido que emerge do modo como o *logos* se organiza para influenciar outrem. Em seguida, aproximou-se o termo da problemática foucaultiana do sujeito, a partir das noções de cuidado de si e *parrhesia*, concebendo o *ethos* como zona em que o saber e a conduta se articulam, isto é, como estilística da existência em regimes de verdade atravessados por relações de poder, liberdade e risco.

A leitura da “oração fúnebre” permitiu pôr à prova essa articulação. A apropriação profanadora da forma litúrgica das ladainhas marianas constrói, por meio do discurso, simultaneamente, um *ethos* coletivo de pregador (que fala em nome de um “nós” devastado e implicado nas ruínas que descreve) e um *ethos* “*parresiasta*”, que transforma em objeto de invocação elementos e práticas discursivas (capitalismo, patriarcado, normalização de gênero, extrativismo, fascismo etc.) que sustentam um “mundo em colapso”.

Sob o prisma arqueogenealógico, essa forma litânica foi descrita como máquina argumentativa por acumulação, na qual se condensam saberes partilhados, jogos de visibilidade/enunciabilidade e afetos relativos à devastação, à violência e à colonialidade. Analiticamente, o exercício reforça a pertinência de tomar o *ethos* não apenas como categoria descritiva do “caráter”, mas também como operador capaz de evidenciar as relações entre argumentação, poder e modos de ser. Sugere ainda

que a atenção às práticas de verdade e às formas de cuidado de si pode enriquecer análises de *corpora* marcados por disputas de modos de vida.

Pensar uma “retórica como revolta” é, assim, apostar em uma política do *ethos* em que escrever, dizer e expor-se se tornam práticas de subjetivação que tensionam a ordem do discurso e fabricam sujeitos que habitam “ruínas”.

Agradecimentos

Agradecemos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) pelo apoio concedido a Tici Jardim Pimenta (88887.839586/2023-00), Douglas Gomes Nalini de Oliveira (88887.888351/2023-00) e Gabriel Martins Silva Santos (88887.888240/2023-00). Agradecemos também à Profa. Dra. Luciana Carmona Garcia, coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Franca (Unifran) e orientadora dos três autores, pela leitura atenta do manuscrito e pelas sugestões apresentadas.

Fontes

PRECIADO, Paul B. Oração Fúnebre. In: PRECIADO, Paul B. **Dysphoria mundi**: o som do mundo desmoronando. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

Referências

ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução do grego Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. São Paulo: Folha de São Paulo, 2015.

AMOSSY, Ruth. Introdução: da noção retórica de *ethos* à análise do discurso. In: AMOSSY, Ruth (org.). **Imagens de si no discurso**: a construção do *ethos*. Tradução de Dilson Ferreira da Cruz, Fabiana Komesu e Sírio Possenti. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019. p. 9-28.

BAUMLIN, James S. Introduction: positioning *ethos* in historical and contemporary theory. In: BAUMLIN, James S.; BAUMLIN, Tita French (org.). **Ethos**: new essays in rhetorical and critical theory. Dallas: Southern Methodist University Press, 1994. p. xi-xxxi. (SMU Studies in Composition and Rhetoric).

BAUMLIN, James S.; MEYER, Craig A. Positioning *ethos* in/for the twenty-first century: an introduction to Histories of *ethos*. **Humanities**, v. 7, n. 3, 2018. DOI: <http://doi.org/10.3390/h7030078>. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2076-0787/7/3/78>. Acesso em: 30 jan. 2025.

BERNARDINI, Grasieli Canelles. A argumentação em orações religiosas. **Letrônica**, v. 3, n. 2, p. 50-55, dez., 2010. Disponível em:

<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/download/7455/5925/29075>. Acesso em: 12 fev. 2025.

FIORIN, José Luiz. **Figuras de retórica**. São Paulo: Contexto, 2021.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. Tradução de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006. (Tópicos).

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022a. (Coleção Biblioteca de Filosofia).

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2022b.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. 16. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.

GALINARI, Melliandro Mendes. Sobre o *ethos* e a AD: tour teórico, críticas, terminologias. **D.E.L.T.A.**, v. 28, n. 1, p. 51-68, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/delta/a/6tHNjH8vCqnQxbp5BfmY69j/>. Acesso em: 12 fev. 2025.

GALINARI, Melliandro Mendes. *Logos, ethos e pathos: “três lados” da mesma moeda*. **Alfa**, v. 58, n. 2, p. 257-285, 2014. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/5779>. Acesso em: 12 fev. 2025.

GALINARI, Melliandro Mendes. A Análise do Discurso contra a Retórica: demolindo mitos e deuses. In: PIRIS, Eduardo Lopes; OLÍMPIO-FEREIRA, Moisés (org.). **Discurso e argumentação em múltiplos enfoques**. Coimbra: Grácio Editor, 2016. p. 73-97.

MAINGUENEAU, Dominique. **Variações sobre o ethos**. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2020. [Edição Kindle].

MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (org.). **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008.

NAVARRO, Pedro. Estudos discursivos foucaultianos: questões de método para análise de discursos. **MOARA – Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras**, v. 1, n. 57, p. 8-33, dez. 2020. DOI: <http://doi.org/10.18542/moara.v1i57.9682>. Disponível em: <https://www.periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/9682>. Acesso em: 30 out. 2025.

PRECIADO, Paul B. Oração Fúnebre. In: PRECIADO, Paul B. **Dysphoria mundi: o som do mundo desmoronando**. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

REVEL, Judith. **Michel Foucault: conceitos essenciais**. Tradução de Maria do Rosário Gergolin, Nilton Milanez e Carlo Piovesani. São Carlos: Claraluz, 2005.

RIBEIRO, Sandra Maria Patrício. **Lições preliminares para o estudo do ethos humano contemporâneo**. 2018. Tese (Livre-docência – Departamento de Psicologia Social e do Trabalho) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP) – São Paulo, 2018.

Anexo

ORAÇÃO FÚNEBRE

Nossa Senhora das Ruínas, rogai por nós.

Nossa Senhora dos Ricos, rogai por nós.

Nossa Senhora da Violação, rogai por nós.

Nossa Senhora do Antropoceno, rogai por nós.

Nossa Senhora do Capitalismo, rogai por nós.

Nossa Senhora do Patriarcado, rogai por nós.

Nossa Senhora do Masculinismo, rogai por nós.

Nossa Senhora do Heterossexualismo, rogai por nós.

Nossa Senhora da Reprodução Sexual Obrigatória, rogai por nós.

Nossa Senhora do Machismo, rogai por nós.

Nossa Senhora do Binarismo Sexual Normativo, rogai por nós.

Nossa Senhora da Normalização de Gênero, rogai por nós.

Nossa Senhora da Mutilação Genital, rogai por nós.

Nossa Senhora do Incesto, rogai por nós.

Nossa Senhora da Pedocriminalidade, rogai por nós.

Nossa Senhora da Violação Conjugal, rogai por nós.

Nossa Senhora do Abuso Sexual, rogai por nós.

Nossa Senhora do Feminicídio, rogai por nós.

Nossa Senhora do Intersexualicídio, rogai por nós.

Nossa Senhora do Transcídio, rogai por nós.

Nossa Senhora do Bullying, rogai por nós.

Nossa Senhora da Revolução Industrial, rogai por nós.

Nossa Senhora da Colonização, rogai por nós.

Nossa Senhora da Globalização do Mercado Financeiro, rogai por nós.

Nossa Senhora do Ibex 35, rogai por nós.

Nossa Senhora dos Acionários, rogai por nós.

Nossa Senhora da Evasão Fiscal, rogai por nós.

Nossa Senhora da Corrupção Política, rogai por nós.

Nossa Senhora do Extrativismo, rogai por nós.

Nossa Senhora do Turismo, rogai por nós.

Nossa Senhora da Automatização, rogai por nós.

Nossa Senhora das Centrais Nucleares, rogai por nós.

Nossa Senhora da Dívida, rogai por nós.

Nossa Senhora do Despejo, rogai por nós.

Nossa Senhora do Nacionalismo, rogai por nós.

Nossa Senhora do Fanatismo Religioso, rogai por nós.

Nossa Senhora da Fifa, rogai por nós.

Nossa Senhora dos Jogos Olímpicos, rogai por nós.

Nossa Senhora da Otan, rogai por nós.

Nossa Senhora da Indústria da Carne, rogai por nós.

Nossa Senhora da Experimentação Animal, rogai por nós.

Nossa Senhora da Agricultura Industrial, rogai por nós.

Nossa Senhora da Robótica, rogai por nós.

Nossa Senhora da Engenharia Genética, rogai por nós.

Nossa Senhora da Viagem Espacial, rogai por nós.

Nossa Senhora da Sexta Extinção, rogai por nós.

Nossa Senhora da Sétima Extinção, rogai por nós.

Nossa Senhora do Fascismo,
que velais por nossa segurança, tende piedade de nós.